

JACQUES LACAN
L'INSU-QUE-SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE
SEMINÁRIO DE 10 DE MAIO DE 1977
RUMO A UM SIGNIFICANTE NOVO – III – O IMPOSSÍVEL DE APRENDER
Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller

Eu quebro a cabeça - o que já é chato, porque a quebro seriamente, mas o mais chato, é que não sei porque quebro a cabeça.

Um tal Gödel, que vive agora na América, demonstrou que há o indecível. Ele o demonstra em que terreno? No mais mental de todos os mentais, em tudo o que há de mais mental, no mental por excelência, no mental de ponta, isto é, no que se conta. O que se conta é a aritmética. Quero dizer que é a aritmética que desenvolve o contábil.

A questão é saber se há Uns que são não enumeráveis. Foi o que Cantor promoveu. Mas isto continua duvidoso uma vez que não conhecemos nada a não ser do finito e que o finito é sempre enumerável. É a fragilidade do mental? É simplesmente a fragilidade do que chamo o imaginário.

O inconsciente foi identificado por Freud, não se sabe porque, ao mental. É pelo menos o que resulta do fato de que o mental é tecido de palavras, entre o que - é, me parece, a definição que Freud dá disto - há equívocos sempre possíveis. Donde meu enunciado que de real não há senão o impossível. E é bem aí que tropeço. Como o real é impossível de se pensar se ele não pára de se escrever? Há aí uma nuance - não enuncio que ele não pára de não se dizer, não seria apenas isso, porque o real, o chamo assim, não pára de não se escrever. Tudo o que é mental, afinal de contas, é o que escrevo com o nome de *sinthoma*, isto é, signo.

Que quer dizer *ser signo*? É sobre isso que quebro a cabeça. A negação é um signo? Outrora tentei colocar o que é isso na instância da letra. Dizer que o signo da negação, que se escreve assim, não tem como ser escrito, é dizer tudo? Que é negar? Que se pode negar?

Isso nos coloca no banho da *Verneinung* da qual Freud promoveu o essencial. Ele enuncia que a negação supõe uma *Bejahung*, que é a partir de alguma coisa que se enuncia como positiva que se escreve a negação. Em outros termos, o signo deve ser procurado - é bem o que nesta *Instância da letra* coloquei - como congruência, do signo ao real.

Que é um signo que não se poderia escrever? - Pois este signo se escreve realmente. Já coloquei em evidência a pertinência do que a língua francesa toca como advérbio. Podemos dizer que o *real mente*? Na análise podemos seguramente dizer que o *verdadeiro mente*. A análise é um longo *caminha mente*. Reencontramo-lo em toda parte. Que o *caminho mente*, nos assinala que, como no fio do telefone, enrolamos o pé.

Que possamos introduzir coisas parecidas coloca a questão do que é o sentido. Não haveria sentido a não ser mentiroso - já que podemos dizer que a noção do real exclua - no subjuntivo - o sentido? Será que exclui também a mentira? É bem o que tem a ver quando apostamos, em suma, no fato de que o real exclua no subjuntivo? O subjuntivo é a indicação do modal - o que é que se modula neste modal que excluiria a mentira?

Na verdade, nós o sentimos bem, não há em tudo isso senão paradoxos. Os paradoxos são representáveis? *Doxa*, é a opinião, através da qual introduzi, em uma conferência, nos tempos dos meus começos, consagrada ao *Ménon*, onde se enuncia sobre a opinião verdadeira. Não há a menor opinião verdadeira - já que há paradoxos.

O princípio do dizer verdadeiro é a negação. E minha prática, visto que prática há, é que tenho que me deslizar - é assim que me fodo - entre a transferência que se chama, não sei porque, negativa, e... Não se sabe sempre o que é a transferência positiva. Tentei defini-la com o nome de sujeito suposto saber. Quem é suposto saber? É o analista. É uma atribuição, como a palavra suposto indica. Uma atribuição não é mais que uma palavra. Há um sujeito, alguma coisa que está na parte superior, que é suposto saber. Saber é pois seu atributo. Só há um problema, é que é impossível dar o atributo de saber a alguém. Aquele que sabe, na análise, é o analisando. O que ele desenrola é o que ele sabe, exceto que é um Outro - mas há um Outro? - que segue o que ele tem a dizer, ou seja, o que ele sabe.

Esta noção do Outro, a marquei, em um certo grafo, com uma barra que o rompe. Mas romper é negar? A análise, para falar propriamente, enuncia que o Outro não é nada mais que esta duplicidade. Há Um, mas não há nada de Outro. O Um, eu disse, dialoga sozinho, já que recebe sua própria mensagem sob uma forma invertida. É ele quem sabe e não o suposto saber.

Introduzi também isto, que se enuncia como universal, porém para negá-lo - disse que não há todos. É bem nisso que as mulheres são mais homem que o homem. Elas não são todas, disse. Esses todos não têm nenhum traço em comum. Eles têm no entanto isto, que é o traço comum - o traço que chamei unário. Ele se conforta do Um. Há o Um. Repeti a pouco para dizer que há o Um e nada de Outro. Há o Um e isso quer dizer

que há pelo menos o sentimento, esse sentimento que chamei, segundo as unaridades, o suporte do que é preciso exatamente que eu reconheça, o ódio, na medida em que este ódio é parente do amor, o amor que escrevi no meu título desse ano - o não-sabido-que-sabe de um-equívoco, é o amor (*L'insu-que-sait de l'une-bévue, c'est l'amour*).

Nada é mais de difícil de ser apreendido que este traço do um-equívoco, com o qual traduzo o *Unbewusst*, que quer dizer em alemão, *inconsciente*. Porém traduzido por um-equívoco, quer dizer outra coisa - um obstáculo, um tropeço, um deslizamento de palavra à palavra. É bem disso que se trata. Quando nos enganamos de chave para abrir uma porta que precisamente esta chave não abre, Freud se precipita em dizer que pensamos que ela abria essa porta mas nos enganamos. Equívoco é bem o único sentido que nos resta para esta consciência. A consciência não tem outro suporte a não ser o de permitir um equívoco.

É inquietante, porque esta consciência se parece muito ao inconsciente, porque é ele que se diz responsável por todos esses equívocos que lhes fazem sonhar. Sonhar em nome de que? Do que chamei o objeto *a*, ou seja, isso de que se divide o sujeito que, essencialmente, é barrado, ou seja, mais barrado ainda que o Outro.

Eis aí sobre o que quebro a cabeça. Eu quebro a cabeça e penso que afinal de contas a psicanálise é o que banca a verdade. Mas como se deve entender isso? É um lance de sentido. É um *sem-blante* (*sens-blant*). Há aí toda a distância, que designei, do S_2 ao que ele produz. Que o analisando produza o analista, é o que não resta dúvida. É por esta razão que me pergunto qual é o estatuto do analista, a quem deixo seu lugar de bancar a verdade, de semblante, apesar do equívoco que vocês me viram fazer da outra vez. Nada mais fácil que deslizar no equívoco, quero dizer em um efeito do inconsciente, porque foi exatamente um efeito de meu inconsciente que fez com que vocês tivessem a bondade de considerar isto como um lapso, e não, tal como eu mesmo quis qualificar na vez seguinte, um erro grosseiro.

O que é que este sujeito dividido tem por efeito se o significante índice 1 não representa o sujeito ao lado do S_2 , ou seja, do Outro? O S_1 e o S_2 , é bem precisamente o que designo pelo A dividido, do qual eu mesmo faço um significante, $S(\mathring{A})$.

É bem assim que se apresenta o famoso inconsciente, afinal de contas impossível de apreender. Falei a pouco dos paradoxos como sendo representáveis, ou seja, desenháveis. Não há desenho possível do inconsciente. O inconsciente se limita a uma atribuição, a uma substância, a algo que é suposto estar sob. O que a psicanálise enuncia é que isto não é mais que uma dedução. Dedução suposta, nada mais. Isso que tentei dar corpo, com a criação do simbólico, tem bem precisamente este destino de não chegar a seu destinatário. Como se faz, no entanto, para que isso se enuncie?

Eis aí a interrogação central da psicanálise. Fico por aqui hoje. Espero poder em oito dias - sabe Deus porque, me disseram que haveria um 17 de maio - perguntar a vocês na esperança que alguma coisa do que digo, passe.

Tradução de Jairo Gerbase, 22/01/99.

Revisão de Jairo Gerbase, 12/05/99.